

---

## ESCOLA E SEUS DANOS PATRIMONIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEÇÃO DE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX-BA

---

LUANA DE SOUZA [luanasonza88@hotmail.com], FABIO RIBEIRO ARAÚJO [fabartes\_ribas@hotmail.com],  
FABIANNO ANDRADE LYRA [andradebyra@gmail.com], ITANA MARIA F. MASCARENHAS [itanajfonseca@hotmail.com],  
MARIANA LEONESY DA S. BARRETO [maribarreto@gmail.com] e PRISCILLA RAMOS DE S. F. PEDREIRA [priscillaramos93@hotmail.com]

---

### RESUMO

Este artigo é uma reflexão crítica e reflexiva acerca da escola e dos danos patrimoniais a ela causados sob a ótica discente. Objetiva identificar os principais danos causados a esse patrimônio, compreender como se processa a desvalorização desse espaço de aprendizagem por parte de sua clientela, indicar e interpretar as possíveis causas para as significações apresentadas pelos alunos quanto a essa Instituição no que se refere à relação deles com ela. O presente estudo foi efetivado por meio da metodologia compreensiva, de abordagem qualitativa, no município de São Félix-BA, com estudantes do 9º ano/8ª série do Ensino Fundamental II de uma escola pública, através de entrevistas semiestruturadas com o total de 13 perguntas e amostra de 8 participantes de ambos os gêneros (masculino e feminino). Durante o processo da pesquisa foi utilizada a revisão bibliográfica e estudo de caso. A análise dos resultados indicou que a escola desempenha o papel unicamente de ensinar, conforme o entendimento discente, a violência ao patrimônio é causada para propiciar a ausência de aulas e justificada como amenizadora das tensões emocionais dos discentes, além de permitir a compreensão dos desvios socioculturais construídos acerca das significações sobre o patrimônio material e imaterial da escola em análise. Este trabalho traz informações essenciais para o planejamento de intervenções e políticas públicas adequadas às características daquela população, programas que favoreçam o pleno desenvolvimento daqueles estudantes, habilitando-os a uma convivência social sadia e segura, além de propiciar a discussão ampliada por parte de cientistas sociais, psicólogos e interessados em questões de preservação ambiental e patrimonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Função da Escola. Violência escolar. Estudantes. Patrimônio.

## 1 INTRODUÇÃO

A escola é o reflexo da sociedade, portanto, existe para atender as necessidades da mesma preparando indivíduos, desde os primeiros anos de infância até a idade adulta, para intervir enquanto ser social em prol do bem comum.

É nesta instituição que a educação intelectual do indivíduo acontece, em observância à Constituição que garante a todo cidadão brasileiro o direito à educação gratuita por meio da escola pública. Entretanto, constata-se que a realidade da educação no Brasil, enquanto investimento por parte do governo, é precária, além de sua clientela nem sempre conservar o patrimônio que tem sob seus cuidados, utilizando-se, em alguns casos, de violência contra o mesmo, certamente um comportamento consequência de um sistema de desigualdade social, o qual gera inúmeros fatores que repercutem na ação, muitas vezes inoportuna, indesejada, por parte daqueles que estão inseridos nesse contexto.

Enquanto instituição socializadora secundária do indivíduo, a escola se torna uma “segunda casa”, o segundo grupo social mais importante ao qual o homem integra, portanto, é um patrimônio material e imaterial público que deve ser zelado, não danificado. Contudo, é sabido que a realidade pública no Brasil apresenta um quadro escolar de prédios depredados, mal conservados, material didático inexistente ou estragado, fruto de uma sociedade que não têm consciência do patrimônio que a ela pertence, transferindo a responsabilidade de conservação apenas para o governo, para outrem. Segundo Paulo Freire (2007), “Toda prática educativa implica uma concepção dos seres humanos e do mundo”. Ou seja, é sempre uma troca, uma intervenção, um diálogo entre escola, sociedade e família, entre macrossistema e microssistemas.

Entende-se pelo ato de educar um processo evolutivo, gradual, porque acompanha o ciclo vital do ser humano até determinada idade, que tem seu início na família e continuidade na escola, nas instituições de ensino nos diversos níveis ao longo da vida do indivíduo. Assim sendo, a educação é ofertada conforme a necessidade de sua clientela, observando-se a faixa etária, seu contexto social e sua funcionalidade mercadológica, o que nem sempre acontece de fato, por isso o surgimento de transtornos no ambiente escolar, fazendo-se necessário um maior debruçar sobre esta questão.

A escolha desta problemática deve-se às queixas de professores em relação à violação do patrimônio por meio de quebra e risco de carteiras, portas e paredes, do mal cuidado com os livros didáticos, enfim, a indevida preservação do bem que se encontra à disposição dos alunos, ou seja, danos causados a um patrimônio material e imaterial.

Por objetivo geral buscou-se um aprofundar sobre a percepção dos alunos em relação à escola. Por objetivos específicos, identificar a definição dada, por eles, para a mesma na tentativa de compreender o porquê ou os porquês de tais atos; e analisar sua inserção na escola no sentido de pertença, de identificação com a simbologia que esse patrimônio representa para os mesmos.

O tema é relevante porque propiciará uma reflexão crítica e reflexiva sobre os dados que serão obtidos, contribuindo, assim, para uma melhoria na relação aluno versus escola, possibilitando um crescimento de ambas as partes nos diversos aspectos, além de trazer à tona uma questão que é sempre discutida entre os cientistas sociais e educacionais, mas de precária ação por parte dos gestores governamentais. Segundo Dayrell (2012, p.14), a escola é um ambiente coletivo que conseqüentemente, promove relações grupais; que se iniciam no simples ato de cruzar o portão da escola, já que, os estudantes passam a assumir um papel diferente, do que desempenhado em casa, com amigos e/ou no trabalho, sendo no cotidiano escolar importante perceber que os comportamentos dos sujeitos, são orientados pelas concepções originadas de suas experiências, cultura e expectativas com a tradição da escola.

Analisar a educação em seu contexto relacional aluno e escola é um despertar para uma realidade caótica de anos que apresenta um cenário de descaso crescente, agravante, e de solução estática, que repercute na sociedade em toda sua esfera, por ser a escola o espaço onde o conhecimento é ampliado, produzido, as relações de proximidade são estabelecidas, as habilidades e competências são desenvolvidas

para uma ação futura, a qual se espera eficácia por se tratar de algo que contempla a coletividade, enfim, o senso crítico é despertado, os protagonistas de uma nova história social têm seu nascimento na expectativa da construção do progresso coletivo.

Discutir sobre a escola e a relação que a mesma estabelece sob a ótica do aluno é de suma importância para reflexões futuras, busca de ações que possam amenizar, quando não possível sanar, os problemas que atingem a instituição escolar enquanto patrimônio material e imaterial a ser conservado pela clientela de ensino público, na tentativa de entender a origem da violência a esse bem social por parte dos alunos, em particular no estado da Bahia, na cidade de São Félix, o foco deste estudo.

A escola é o espaço do saber, do querer, do poder, do ser, por isso é sempre uma temática que não se limita à educação, mas às diversas áreas da sociedade, aos que se interessam pelo processo de re-humanização do homem desumanizado em meio a tantas evoluções e revoluções como os cientistas sociais, os profissionais das diversas áreas: saúde, exatas, humanas, pela complexidade que esse espaço abriga em seu interior, em toda sua estrutura.

## **2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL: PERTENÇA À ESCOLA**

Ao se pensar escola, logo se tem a ideia de segunda casa, pois a primeira é a do seio familiar. Ao refletir, de forma crítica, esta instituição e seu papel, a premissa básica que surge é a do aprender, socializar, ou seja, o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo.

Segundo Ariés (1973), reportando-se ao passado no tocante à educação, a história registra um acesso limitado à escola, restrito à classe alta, famílias abastadas, além de ser oferecida uma prática pedagógica conservadora que buscou respaldo, durante anos, nas práticas religiosas da Igreja dominante nos primeiros anos do cristianismo, além do próprio papel da criança nos primeiros séculos não reconhecida e respeitada em sua identidade infantil, principalmente na Idade Média.

Sendo assim, era comum na escola e, de igual modo nas casas, o conhecimento acontecer por imposição, com autoritarismo, castigos, porque a educação era vista como um ser nulo, sem conteúdo algum, apenas um depositário dos mesmos apresentados por mestres que a viam como repetidora do que foi ouvido, ou seja, um ser sem a capacidade de pensar por si mesmo. Nesse contexto, percebe-se que durante anos a casa também foi ambiente escolar, o lugar da formação do intelecto.

As mudanças começaram a ocorrer a partir do século XIX, com a revolução industrial, entre outras. É evidente que neste contexto vivido no passado não havia diálogo entre mestre e aprendiz, o objetivo era, apenas, o cumprimento de metas, garantir aos alunos o acesso às informações acumuladas ao longo da história, transmitindo-as de forma reducionista, apenas o que convinha aos interesses da classe dominante. Dayrell (2012, p. 4) sinaliza de forma crítica essa realidade quanto ao entendimento sobre ensinar,

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente

acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. Materializado nos programas e livros didáticos, o conhecimento escolar se torna “objeto”, “coisa” a ser transmitida. Ensinar se torna transmitir esse conhecimento acumulado e aprender se torna assimilá-lo.

Escola é um estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo. Então, a escola, de um ponto de vista estrutural, é um estabelecimento/instituição que pode ser pública ou privada, mas de um ângulo social é vista com a função de ensinar, transmitir conhecimento. Segundo Miranda (2008, p. 134),

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais. [...] A escola deverá, portanto, atuar crítica e reflexivamente na objetivação dos conteúdos, normas e valores internalizados na relação entre criança e escola.

Assim sendo, o aluno internaliza as atividades, as normas e regimentos de sua escola, assumindo uma postura reflexiva e crítica da realidade a partir de suas experiências, das quais surgirão os padrões de comportamento, valores e normas, a construção de uma nova cultura por meio dessas interações sociais.

Desta forma, a escola é o segundo grupo social ao qual a criança integrará e, da mesma maneira que a casa, também será constituído de normas, de regras, de conhecimento e pessoas diversas. Ou seja, é o lugar da socialização, do saber, no qual será destinado ao indivíduo o aprendizado durante anos, desde a sua infância até a idade jovem, para sua atuação em sociedade, mas que isso, sua intervenção para promover o bem comum.

Dayrell (2012) entende a escola como um espaço sociocultural, implicando, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição. Ele acredita que quando se apreende a escola como uma construção social implica compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura, mas ativos, construtores de uma contínua relação.

A escola, nesta perspectiva, se apresenta em duas dimensões, institucional e cotidiana. A primeira abrange as normas e regras, visa unificar e delimitar a ação dos sujeitos e a segunda é referente às relações sociais desenvolvidas entre os sujeitos, incluindo nessas relações alianças e conflitos, normas e estratégias individuais, ou coletivas, enfim, construção de saberes que formam a vida escolar.

Segundo Schnorr (2010, p.90), em referência à “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, ela relata que “o saber é uma busca e nunca temos posse; é criar e recriar, é coerência entre palavra e ação, é esperança”. E esse espaço sociocultural se desenrola em meio a essa trama de interações entre os sujeitos-participantes. Nessa troca interativa, detecta-se que a cultura se encontra em todas as esferas da vida cotidiana, e cada indivíduo, porta em si, uma cultura que se modela ao encontro de outras, e é na escola que a pessoa partilha e oportuniza aos outros os seus conhecimentos. Segundo Brandão (2010, p. 14-15), mediante a obra de Paulo Freire, que assim reflete:

A cultura humana não é residual, não é “inocente” e não ocupa apenas “o andar de cima” da vida social. Ao contrário: toda a experiência humana significativa realiza-se como cultura e dentro de uma cultura. O que sentimos, o que pensamos, o como falamos a nós mesmos e aos outros, os nossos sentidos e sentimentos, o que criamos, questionamos e transformamos, o que somos, como pensamos quem somos, tudo isto são momentos do trabalho criativo da realização da pessoa humana no contexto de uma cultura.

Para Silvia e Castro (2008), a escola tem a função de transmitir educação letrada e as categorias de pensamento que tornam possível a comunicação, criando, assim, um consenso cultural. Além disso, ela deve preparar o aluno para lidar com as diversas situações da vida a partir do diálogo e do exercício da cidadania, para participar do processo de produção material da existência de maneira profissional, ou seja, com criatividade e autonomia. O quadro de violência que se desenha nas instituições de ensino, principalmente as públicas, atualmente compromete a identidade e a reprodução da escola como ela é no tempo/espço, e fragiliza essa instituição diante dos alunos, professores e de toda a comunidade, provocando, às vezes, descrédito nos profissionais que nela atuam, no que ela oferece, questionando sua qualidade de ensino, logo, desconfigurando-a como lugar do saber.

Ao ingressar numa escola o aluno deve se identificar com a mesma. Essa construção acontece por meio de um processo lento, o qual envolve todo o ambiente escolar, e tudo que a ele está relacionado, professores, espaço físico, turma, conteúdo programático, a prática educativa aplicada, ou seja, tudo que favoreça essa relação de harmonia entre escola e discente.

Pode-se considerar uma das principais consequências da sociedade do conhecimento, de acordo com Delors (1998), a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada em quatro pilares que são, concomitantemente, do conhecimento e da formação continuada.

Ainda, considerando Delors (1998), a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, as quais serão, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: **aprender a conhecer** - indica o interesse, a abertura para o conhecimento que verdadeiramente liberta da ignorância; **aprender a fazer** - mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar; **aprender a conviver** - traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento; e, finalmente, **aprender a ser** que, talvez, seja o mais importante por explicitar o papel do cidadão e o objetivo de viver.

Os pilares são quatro, e, para Delors (1998) os saberes e competências a se adquirir são apresentados, aparentemente, divididos. Essas quatro vias não podem, no entanto, dissociar-se por estarem imbricadas, constituindo interação com o fim único de uma formação holística do indivíduo.

Rodrigues apresenta uma síntese dos quatro pilares para a educação no século XXI; o primeiro deles é o **aprender a conhecer**, onde é necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja efêmero, mas se mantenha ao longo do tempo e seja valorizada a curiosidade, a autonomia e a atenção permanentemente. Também é preciso pensar

o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar. O segundo é o **aprender a fazer**, onde não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de uma dose de risco, saber comunicar-se, resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas. O terceiro, **aprender a conviver**, é o que no mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum. E o último **aprender a ser**, é o que visa desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

Estes pilares descritos acima, também ganham apoio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996 no Art. 1º que diz: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.”

Para mudar a história da educação no Brasil e lograr conquistas, segundo Rodrigues, precisa-se ousar em cortar as cordas que impedem o próprio crescimento, exercitar a cidadania plena, aprender a usar o poder da visão crítica, entender o contexto desse mundo, ser o ator da própria história, cultivar o sentimento de solidariedade, lutar por uma sociedade mais justa e solidária e, acima de tudo, acreditar sempre no poder transformador da educação.

Segundo Aquino (1998, p.1),

Várias são as possibilidades de análise ou reflexão que se descortinam quando alguém depara, empírica ou teoricamente, com a indigesta justaposição escola/violência, principalmente a partir de seus efeitos concretos: a indisciplina nossa de cada dia, a turbulência ou apatia nas relações, os confrontos velados, as ameaças de diferentes tipos, os muros, as grades, a depredação, a exclusão enfim.

Talvez não se esteja ensinando as condições de um conhecimento pertinente, isto é, de um conhecimento que não mutila o seu objeto. É necessário dizer que não é a quantidade de informações, nem a sofisticação em Matemática que podem trazer sozinhas um conhecimento pertinente, é mais a capacidade de colocar o conhecimento no contexto (MORIN, 2004). Para o referido autor, o contexto tem necessidade, ele mesmo, de seu próprio contexto e, atualmente, o conhecimento deve se referir ao global, ou seja, a humanidade vive uma cadeia global, o mundo é interligado em suas relações

econômicas, ambientais, comportamentais, tecnológicas, entre outras. Tem-se, por exemplo, a situação deste planeta, a Terra, onde, evidentemente, os acidentes locais têm repercussão sobre o conjunto e as ações do conjunto sobre os acidentes locais.

É inegável que a educação é indispensável à formação das pessoas na construção dos ideais de paz, liberdade e justiça social; não como remédio, mas como via ao desenvolvimento harmonioso e autêntico. Assim, considera-se a importância das políticas educativas na construção de um mundo melhor.

Diante do exposto, constata-se que no meio educacional duas parecem ser as tônicas fundantes que estruturam o raciocínio daqueles que se dispõem a problematizar os efeitos de violência simbólica ou concreta verificados no cotidiano escolar contemporâneo, segundo Aquino (1998, p.2): uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico-psicologizante.

No primeiro caso, tratar-se-ia de perseguir as consequências, geralmente conotadas como perversas das determinações macroestruturais sobre o âmbito escolar, resultando em reações violentas por parte da clientela. No segundo, de pontificar um diagnóstico de caráter evolutivo, quando não patológico, de “quadros” ou mesmo “personalidades” violentas, influenciando a convivência entre os pares escolares.

Em ambos os casos, a violência portaria uma raiz essencialmente exógena em relação à prática institucional escolar: de acordo com a perspectiva sociologizante, nas coordenadas políticas, econômicas e culturais ditadas pelos tempos históricos atuais; já na perspectiva clínico-psicologizante, na estruturação psíquica prévia dos personagens envolvidos em determinado evento conflitivo.

É válido lembrar que uma combinação de tais perspectivas também pode surgir como alternativa à compreensão de determinada situação escolar de caráter conflitivo, por exemplo, num diagnóstico sociologizante das causas acompanhado de um prognóstico psicologizante em torno de determinados “casos-problema” – o que, inclusive, acaba ocorrendo com certa frequência no dia-a-dia escolar.

Assim, sendo, Aquino (1998, p.7) considera que, “se partir do pressuposto de que a intervenção escolar é estruturalmente normativa/confrontativa (até mesmo para que seus propósitos gerais sejam garantidos), o olhar volta-se para a relação professor- aluno como locus ao mesmo tempo estrutural e conjuntural da violência escolar”.

A violência na escola é um fenômeno diversamente determinado, de acordo com pesquisa feita pela Unesco, Silva e Castro (2008) citam que;

Dentre os vários aspectos que são considerados como possíveis causas, vale destacar aqueles que dizem respeito ao ambiente físico e à má qualidade do trabalho pedagógico. No caso específico do ambiente físico, os pesquisadores da Unesco fizeram uso de uma teoria americana que estuda as relações entre as condições precárias do ambiente e os índices de violência: a teoria broken windows, que preconiza que a falta de manutenção das dependências físicas incentiva atitudes predatórias. Quanto às condições de ensino, os alunos questionam o tipo de educação que recebem e reclamam da falta de centros de informática, ginásios de esporte, laboratórios e pavilhões de artes, e os docentes se queixam de que não há salas de professores amplas o suficiente para abrigar todos eles.

A escola na visão de muitos dos seus educandos e profissionais deixou de ser “protetora, conhecida e familiar, ao mesmo tempo inquieta seus alunos, surpreende-os e provoca o nascimento de perguntas” Fontoura (2004, p. 64). É esse ambiente próximo e ao mesmo tempo distante do aluno que o leva a não se sentir parte dele, logo, a não preservá-lo, embora essa questão não se limita à preservação do patrimônio, à educação patrimonial apenas, mas a outros fatores que se tornam significativos ao se fazer uma análise mais profunda em relação ao vínculo do aluno com a escola enquanto bem particular e coletivo, portanto, de responsabilidade de todos, mas que neste momento não se faz necessária pelo foco do trabalho. Este é, apenas, umas das muitas facetas da sociabilidade do homem no grupo social chamado escola.

### **3 VIOLÊNCIA E VANDALISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSES ATOS NUMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Atualmente, mais do que no passado, estudos comprovam que o ambiente reflete sobre a pessoa e vice-versa. O homem é resultado de seu meio, do grupo social ao qual pertence. As diferentes classes sociais predominantes no Brasil configuram uma realidade diversificada de comportamentos, de regras, de pensar e agir das pessoas que se encontram inseridas nos diversos ambientes, pertencentes a um mesmo país, a um mesmo povo.

A identidade de cada pessoa é constituída por inúmeros fatores, Jung (1991) e Vigotsky (2007), em suas abordagens, trazem essas reflexões ao mencionar a herança cultural coletiva, o contexto sociocultural de cada indivíduo. E é na escola que se espelha esses diferentes universos a partir das pessoas que nela transitam. São os alunos que trazem sua realidade particular para a escola, embora, na maioria das vezes, ela (a escola) não esteja preparada para acolher essa diversidade ambiental, provocando um choque de culturas, de pensamentos, de ações, de comportamento, diagnosticados nas paredes, carteiras, portas e tudo considerado escolar em toda sua amplitude material e imaterial.

Presencia-se um momento muito importante no Brasil, o da demanda por educação, que, ao crescer, faz com que sociedade e instituições, em uníssono, movimentem-se no atendimento a essa urgência nacional – uma tarefa importante -. Material e ideia não faltam. É preciso por em prática todos os estudos e projetos para a modernização da educação, de acordo com Rodrigues.

Segundo Mahoney (2010) e seus estudos sobre Wallon, cita Decroly em Psicologia da Educação que relata que “A escola é banhada pelo ambiente (no começo do ano, a classe é uma peça nua; no final, está carregada de objetos, quadros, documentos – a classe é a imagem da criança, de suas aptidões, engenhosidade, com objetos que recolhe dos campos, das usinas, dos passeios)”.

A escola é reflexo da sociedade. Tal afirmativa pode ser constatada nos relatos presentes nas emissoras de tv, rádio e redes sociais que apresentam um crescente índice de violência nas escolas entre adolescentes e jovens, principalmente nas instituições de ensino público, tornando-se alarmante a agressividade exposta na estrutura física das escolas, quando não acontece direcionada às pessoas, questão esta que não é o foco deste estudo.



A violência começa quando o outro se torna uma ameaça, quando não há um sentimento de identificação, de pertença; o amor gera cuidados, o desamor gera desafeto, repulsa, agressividade que são exteriorizadas em atos de violência, de vandalismo, como o que é corrente nos prédios escolares públicos.

A escola é um pequeno grupo social e como tal deve estar regida de regras, as quais irão conduzir as ações de seus membros, sua disciplina. Segundo Mahoney (2010) e seus estudos sobre Wallon, cita Decroly em Psicologia da Educação, que assim analisa: “A disciplina é uma forma de preservar a comunidade, mas uma disciplina que resulta de regras livremente aceitas; não se chega à disciplina por meio da pregação; a disciplina fundada é muito fraca; precisa ter uma carga de sentimento, - a emotividade é um tempero necessário”. Portanto, a identificação com a escola, com o espaço em que é construído o saber, onde o indivíduo se forma enquanto cidadão, homem social deve, realmente, ser uma extensão de sua casa no que diz respeito a um ambiente afetivo, acolhedor, logo, um espaço propício à vivência da preservação, da conservação de tudo que nele há.

Para Zaluar (2004) o aumento dos índices de violência a partir da década de 80 se vincula a uma crise moral e a incorporação dos ideais de sucesso e consumo pela segunda geração dos imigrantes que chegaram às grandes cidades. Ela seria um produto da disseminação do individualismo e do hedonismo.

A escola está sendo considerada como um sistema social cronicamente reproduzido pelos sujeitos nas situações de encontro, ou seja, nas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano. Em outras palavras, a escola é um “sistema sociocultural, um sistema simbólico, constituído por grupos com uma vivência real e relacional de códigos e sistemas de ação”; Chaves (2004, p. 66).

Violência ou atos violentos não podem se desvincular de uma atitude ou ação hostil, podendo ser desmembrada em vários significados como agressão, agressividade, hostilidade, falta de respeito, vandalismo, dentre outros. Inicialmente essas violências podem ser divididas em duas, físicas/estruturais, como verbais. Segundo Silvia, para os alunos a violência representa agressão física simbolizada pelo estupro, pelas brigas em família e também pela falta de respeito entre as pessoas.

A violência do tipo estrutural do vandalística pode ser configurada como um comportamento de agressão em direção ao ambiente físico, que resulta em sua desfiguração ou destruição e gera custos que ultrapassam àqueles de natureza meramente econômica, significando igualmente perdas de ordem social (FELIPPE, et al. Apud, Goldstein, 1996, 2004). Segundo os estudos de Felipe (2012, p.244), “As circunstâncias relacionadas ao vandalismo identificadas na literatura sugerem que tal comportamento é fruto da relação pessoa-ambiente”.

Mediante essas circunstâncias, faz-se necessário um desabrochar da Psicologia Ambiental (PA), visto que essa ciência estuda o sujeito nas suas interações e relações com o seu contexto, em duas dimensões, a pessoa e o meio ambiente físico e a pessoa e o social, em vista de analisar a percepção que o indivíduo tem dentro dessa totalidade.

Moser (2010), de acordo com Felipe (2012), referente as concepções da psicologia ambiental, argumentam que cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social. Por outro lado, essa inter-relação também quer dizer que os efeitos desse ambiente físico

particular sobre as condutas humanas serão estudadas, sendo essa inter-relação dinâmica tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Segundo Felipe (2012, p.244),

Como em toda relação humano-ambiental, o estudo do vandalismo envolve a análise de componentes derivados de qualidades individuais e do contexto físico-social do qual o indivíduo faz parte. A PA considera que tais componentes atuam juntos fazendo do vandalismo um fenômeno multideterminado, em que características pessoais e qualidades ambientais não são estímulos únicos para a ação, mas corroboram de modo integrado para ela. Este modelo tende a uma postura não determinista em relação ao fenômeno. Isso significa considerar que nem as qualidades individuais, nem as características ambientais determinam por si só a ação, uma vez que diversas circunstâncias e eventos poderão atuar sobre a ação de depredar. Tal perspectiva entende que circunstâncias preditoras de vandalismo e violência são, na verdade, facilitadoras do comportamento. Ao se considerar que mais fatores estarão continuamente influenciando a ação, assume-se que nem sempre circunstâncias específicas resultarão verdadeiramente no efeito esperado.

Conforme Moser (2010), a especificidade da psicologia ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. É fato bastante conhecido que determinadas especificidades ambientais tornam possíveis algumas condutas, enquanto inviabilizam outras. Dayrell(2012) salienta que todos os alunos têm de uma forma ou de outra, uma razão para estarem na escola, muitos são obrigados, outros vão por interesse de aprender, enfim, há várias motivações e eles elaboram isto de uma forma mais ampla ou mais restrita, no contexto de um plano de futuro.

## 4 METODOLOGIA

O projeto de pesquisa utilizou-se da metodologia compreensiva, com abordagem qualitativa, no município de São Félix-BA, com estudantes do 9º ano/8ª série do Ensino Fundamental II de uma escola pública.

O estudo foi realizado por meio de entrevistas, apresentando o interesse da pesquisa em desenvolver um trabalho com uma amostra de 8 (oito) participantes de ambos os gêneros (masculino e feminino). As entrevistas semiestruturadas feitas apresentam um número total de 13(treze) perguntas.

Durante o processo da pesquisa foi utilizado como metodologia a revisão bibliográfica e estudo de caso, tendo como instrumento diversas literaturas que abordam o assunto, a escuta de profissionais de educação e cientistas sociais na tentativa de acréscimo de informação, de conhecimento, portanto, um maior aprofundamento para a compreensão dos danos causados à escola em sua estrutura física e imaterial, o qual direciona para um problema social: a violência.

### 4.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa aqui relatada 8 (oito) estudantes, cursando o 9º ano/8ª série do Ensino Fundamental II, dos turnos matutino e vespertino.

Os alunos dessa série compreendem a faixa etária apontada pela literatura como tendo a maior participação em ações de vandalismo em escolas (FELIPPE, et al. Apud Goldstein, 1996). São alunos em idade de 14 a 17 anos.

Para a definição dos participantes utilizou-se a técnica de sorteio feito através do diário de classe, com a abertura de página aleatoriamente, selecionando, assim, os alunos a participar desta pesquisa, sendo 4 (quatro) pertencentes ao sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino.

## 4.2 INSTRUMENTO

Para este estudo utilizou-se uma entrevista semiestruturada elaborada apenas para esta pesquisa, contendo 13(treze) questões ao total. A entrevista semiestruturada foi aplicada com o consentimento livre, esclarecido, declarado; com questões que visavam uma reflexão sobre o conceito de escola, violência e zelo (preservação).

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados fornecidos pelas entrevistas foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, com modificações propostas por Minayo (2007).

A aplicação desta técnica consistiu em operacionalizar as falas, agrupando-as em categorias com vistas à classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por distinção, e posteriormente agrupando-os por afinidade, convergências e aproximações.

Após a transcrição foi realizada uma leitura minuciosa e atenta do material coletado nas entrevistas, e em seguida efetuado o recorte dos conteúdos em função de suas significações, os quais se constituíram em unidades de análise, sugerindo as seguintes categorias e subcategorias:

**QUADRO 01 - DISTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS**

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
<b>CATEGORIA I</b> Concepções de escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escola enquanto ambiente de aprendizagem;</li> <li>• Escola enquanto espaço de socialização;</li> <li>• Escola enquanto construtora do Projeto de Vida;</li> <li>• Escola como extensão de casa.</li> </ul>
<b>CATEGORIA II</b> Apreensões e significações da violência escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agressão desmotivada;</li> <li>• Chantagem;</li> <li>• Definições sobre vandalismo.</li> </ul>
<b>CATEGORIA III</b> Concepções do cuidado do ambiente escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qualidade nas relações interpessoais;</li> <li>• Preservar o ambiente físico;</li> <li>• Cuidar do material didático.</li> </ul>

FONTE: Elaboração própria, 2012

A primeira categoria, apreendida a partir das falas das participantes da pesquisa, está relacionada às “concepções de escola”, a qual foi subdividida em quatro subcategorias distribuídas, a seguir, com a ilustração de suas unidades de análise e ladeadas pela frequência de verbalizações.

QUADRO 02 - DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS E UNIDADES DE ANÁLISE DA CATEGORIA I

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE	F
Escola enquanto ambiente de aprendizagem	"[...] É porque a escola é um lugar que a gente pode, pudemos saber mais... A escola tem um papel só de ensinar a gente, em todas as matéria.... se eu não tivesse, se acha se hoje eu não tivesse na escola, e eu não tivesse educação, eu podia ta aí com muitos amigos; eu já perdi muitos amigos hoje por causa da droga, por causa do tráfico; eu acho que seu eu não tivesse aqui hoje, estaria junto com eles. (E1); lugar onde a gente pode estudar, assim... aprender coisas melhores (E2); lugar que nós aprendemos... a escola é um lugar pra estudar e não pra fazer bagunça (E3); Aprender, estudar, aprender as coisas (E4); pa gente aprender mais (E5); Estudar, estudar...Ensinar o aluno e tirar as dúvidas. Formar ele. (E6); a gente aprende a escrever, a ler (E7); Ensinar os alunos.(E8)"	08
Escola enquanto espaço de socialização	"[...] lugar onde a gente sabe mais sobre as pessoas (E1); agente pode conhecer várias pessoas, vários tipos de amizade assim... aprende coisas melhores na vida....melhor que ficar na rua, assim... sem poder fazer nada (E2); Os colegas....é o negócio mais legal que tem (E3); Porque quero aprender. (E4); É os ensino (E5); Os professores, alguns amigos (E6); Os professores, porque eles estão ali ensinando, e ele agrada a gente, né? Porque a gente precisa deles pra estudar (E7); Acho que é o ensino mesmo. Porque quanto mais a pessoa aprende...a pessoa vai evoluindo. (E8)"	08
Escola enquanto construtora do Projeto de Vida	"[...] É porque a escola é um lugar onde a gente pode, pudemos mais se preparar para o trabalho lá fora, de amanhã, depois, e aprendemo muito, muitas coisas, né? (E1); Ensinar tudo que eu tenho certeza que na rua, nem em casa a gente vai aprender (E2); se não fosse à escola...como a gente ia poder trabalhar, fazer um curso e essas coisas (E5); os ensinamentos que é puxado, aí fica bom pra gente. Porque vai ser bom no futuro da gente (E6); se a gente vim pra escola aprender, porque existe a escola, porque a gente tem que ter um futuro digno, a gente precisa de um futuro digno (E7)"	05
Escola como extensão de casa	"[...] a gente passa a metade do dia nela, aprendendo coisa e quando nós vamo pra casa aprendemo mais ainda. (E1); "me sinto bem aqui (E2); A gente aprende várias coisas igual os pais da gente ensina e vai levando (E4); É uma continuação da minha casa, porque de manhã eu venho pa escola aprendo mais, eu vo pa casa e dou as minhas continuidades (E5); Eu acho a escola a segunda casa pra gente. Porque a mesma coisa da gente tá em casa, eles tá tomando conta da gente....Alguns professores que não se preocupam com os alunos. Me desagrada, assim... hum, me desagrada porque não faz bem pra gente, porque na escola é lugar de tá todo mundo unido.(E6); Eu acho que é a desatenção de muitos professores, porque a gente não, não consegue aprender o que a gente quer.(E8)"	06
Total		27

FONTE: Elaboração própria, (2012)

Verificou-se na subcategoria “concepções de escola” que muitas narrativas expressam um discurso categórico entre espaço estrutural e sociológico como proposto pelo dicionário Aurélio, a escola é vista como: lugar onde se estuda, aprende, ligando-a como propulsora de um futuro melhor, estruturando-a em um projeto de vida e, conseqüentemente, futura inserção no mercado de trabalho, melhoria quanto à formação humana.

Com base na subcategoria escola, enquanto ambiente de aprendizagem, foi constatado que a mesma (escola) desempenha papel unicamente de ensinar e aprender no ponto de vista dos alunos desta escola, sempre em vista de um futuro melhor, promissor, diferente dos que vivem a realidade das ruas, das drogas, citada por muitos dos que participaram das entrevistas, sempre se referindo a amigos que eles têm conhecimento que vivem nesse submundo.

A escola, enquanto espaço de socialização, sinaliza a importância das interações sociais para uma melhor formação de si, pois, ninguém sozinho se socializa, como diz Brandão (2010), orientado por uma narrativa de Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho”.

A subcategoria escola, enquanto construtora do Projeto de Vida, reflete a preocupação dos alunos com o seu futuro financeiro e das oportunidades de conhecimento. A subcategoria escola como extensão de casa faz com que o aluno perceba que ele passa boa parte do tempo na mesma (escola). Percebe-se que os entrevistados têm a escola como uma continuação de suas casas pelo cuidado e acolhimento que sentem dela para com eles.

A segunda categoria, apreendida a partir das falas das participantes da pesquisa, está relacionada às “apreensões e significações da violência escolar”, a qual foi subdividida em três subcategorias distribuídas, a seguir, com a ilustração de suas unidades de análise e ladeadas pela frequência de verbalizações.

**QUADRO 03 - DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS E UNIDADES DE ANÁLISE DA CATEGORIA II**

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE	F
Agressão desmotivada	“[...] eles brincam de brincadeira de bater” (E1); Briga, sai no tapa, discussão verbal assim... ofender as pessoas por motivo nenhum, assim. (E2); Pessoas que ficam brigando à toa...só por gosto...são ações inadequadas para a gente...Éhhh bullying,...as pessoas me bater, procurando briga, confusões gera violência (E4); por qualquer coisa a pessoa não pode nem olhá pa pessoa, a pessoa já quer bater (E5); procurar briga com outro. Jogar bolinha, bolinha de papel. (E6); São... às vezes têm meninas que não gosta de outra, de um amigo, entendeu? Ai fica batendo, fica xingando, chama de nerd, fica brigando, sabe, porque eles procuram confusão com tudo, aí fica brigando, fica uma violência. Às vezes bate mesmo, fica brigando, briga na rua aqui. Porque são, às vezes, eles têm preconceito...com as pessoas, às vezes eles acha a pessoa, às vezes ele acha ele melhor que aquela pessoa (E7); Tanto agressão fisicamente, ihhh as palavras também ofendem muito, como é chamado o bullying, né?... O bullying, ele principalmente é um xingamento e tanto! Porque, porque muitas pessoas saem chorando, muitas não sabe o que fazer, também (E8)”	07
Chantagem	“[...] Os aluno fica jogando cadeira pra cima, quando querem ir embora cedo..os alunos hoje em dia quere tudo do jeito dele, tudo como eles quere, a hora, que, quere vir a hora que eles quere, quere saírem a hora que eles quere, quere ter a aula que eles quere. (E1)”	01
Vandalismo	“[...] O vandalismo é quando muitas pessoas estão expressando algumas dores ou emoções, ae elas quebram coisa, e, quando elas podem também, elas têm e quere ter o direito de alguma coisa, ae quando elas não conseguem praticam atos de vandalismos para ver se consegue alguma coisa (E1); Talvez, pichar as coisas, picha as paredes, quebrar a janela (E2); Bagunça, destruição do patrimônio (E3); Quebrar carteiras, quebrar quadro, quere bater em professora, só. Atoa, quebrar as coisas atoa, por gosto como eles dizem (E4); Quebrar as cadeira, éh riscar as paredes. Porque aí vai ta, destruindo uma coisa que a gente tem, a gente não quer dar valor as coisas que a gente tem (E6); Porque quando os meninos brigam, quando brigam, quando fica na rua assim gritando, eu acho assim, quando fica na rua gritando. Aqui no colégio também, não respeita as professoras, na rua a mesma coisa não respeita os mais velhos, as pessoas. Porque eu acho que é vandalismo mesmo, fica... eu acho vandalismo, eu acho que isso são vandalismo.(E7); Vandalismo é o cara não ter consciência do que ta fazendo e bagunçando mesmo, quando o cara não que sabe de nada (E8)”	07
<b>Total</b>		<b>15</b>

FONTE: Elaboração própria, 2012

Na subcategoria agressão desmotivada, pode-se evidentemente constatar exemplos e citações do que é e seja o bullying, como: “brincadeiras de bater”/brigas; discussão verbal; estereótipo, preconceito. A educação vista como uma troca, uma barganha, além de ser um espaço para descarregar as insatisfações, as frustrações, segundo algumas falas; a não violência como chantagem, alunos intercambiando tumulto em sala para não haver aula, e utilizando de agressões ao patrimônio, como subterfúgio para conseguir o que quer. É evidente o desinteresse de alguns alunos pelo estudo, relato presente em algumas falas de alguns dos entrevistados em observação a outros colegas, conforme o comportamento apresentado. Daí nasce uma questão: - O que será que motiva esse desejo de evasão? Algo que merece ser investigado.

As concepções acerca de vandalismo variam entre destruição do patrimônio: quebra de carteiras, quadro, riscar as paredes; ação agressiva mediante a dificuldade; bagunça; briga; gritos e falta de respeito para com os colegas, professores e funcionários da escola.

A terceira categoria, apreendida a partir das falas das participantes da pesquisa, está relacionada às “concepções do cuidado do ambiente escolar”, a qual foi subdividida em três subcategorias distribuídas, a seguir, com a ilustração de suas unidades de análise e ladeadas pela frequência de verbalizações.

**QUADRO 04 - DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS E UNIDADES DE ANÁLISE DA CATEGORIA III**

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE ANÁLISE	F
Qualidade nas relações interpessoais	“[...] rapaz bagunça assim, falando: ah, isso aqui é meu, eu pago imposto, então eu posso fazer isso, posso fazer aquilo, posso quebrar e não. Ai ficam quebrando as coisas. (E1); Eu evito não sujar a escola, não riscar as paredes (E5); tem certas coisa ai que eu não faço, não bagunço, eu cuido, eu cuido assim eu dou valor. (E6); Mais o menos. Porque mais o menos nem tanto assim, às vezes sim, às vezes não. Porque às vezes até eu joga, assim, bolinha de papel quando eu to brincando na sala, entendeu? Ai eu joga ali e não pego. Às vezes eu acho que não to zelando muito o colégio, entendeu? (E7); Cuida e zelar, éhhh estar sempre... Não bagunçando o colégio, não jogando nada no chão, nada disso. Acho que pro bem de todos, né? Não é só pra mim, é pra todos. (E8)”	07
Preservar o ambiente físico	“[...] eu dou até uns conselhos assim, pra meus amigo pra não ta fazendo aquilo, ta fazendo outro, pra ta fazendo certo (E1); Não bagunça, não riscar a carteira, acabar quebrando as coisas, porque, acho que, futuramente várias pessoas vão ter que usar e pode não ter (E2); tem muitas pessoas que não respeitam, né? A escola aí, age com violência, vandalismo e destrói as coisas, que muitas vezes são feitas pra elas, né? E elas não entendem isso.(E3); Preserva não jogar lixo, escape, lixa a parede, não destruir e vai levando. Porque ta servindo pra gente, vai ser pra outras pessoas, né?... Preservar o que tem dentro dela e fora ao redor, preservar a escola, como hoje eu to estudando, para outras estudantes estudar também (E4); Não sujar a escola, teno cuidado. Por que as próximas pessoas que vem vai usar... Cuidar das coisas que agente tem. Éh, cuidar, acho que é cuidar da escola. Porque eles tão dando isso a gente, ai agente tem que cuidar dar valor, por que tem gente que quando chegar ai vai ter que usar isso também ai a gente tem que entregar do mesmo jeito que a gente achou. (E6); Pra mim o cara tem que tá atento a tudo, né velho? Tem que limpa a escola di. Tem que ajudar, a preservar a escola também, porque é demais.(E8)”	08
Cuidar do material didático	“[...] Não sujar, joga lixo no chão, riscar as paredes, né? Porque ai vai dá mais trabalho, né? Pa esse pessoal aqui. Por exemplo: pinta esse ano e quando for ano já tem que pintar as paredes por causa dos alunos que não cuida direito. (E5); Eu acho que é uma pessoa limpa. Não, porque eu acho que eles limpando todos os dias, os funcionários porque os alunos não ajudam em nada, ajuda só mesmo ta sujando e bagunçando, só isso.(E7)”	01
Total	“[...] Eu cuido de meu livro pra amanhã e depois outro aluno vir e cuidar, iiii poder aprender com ele, como eu aprendi ano passado (E1)”	16

FONTE: Elaboração própria, 2012

As últimas das narrativas encontradas nas subcategorias qualidade nas relações interpessoais e preservação do ambiente físico discordam de Silvia, pois, para ela, a violência praticada em relação ao patrimônio público está muito relacionada à falta de conscientização da população sobre o significado do que é público, tendo em vista a forma como as instituições, geralmente, aparecem para os seus usuários, já que, um dos alunos atribui as causas de destruição do patrimônio por ser algo público e por ele ter consciência de que ele/ou sua família contribui para a existência do mesmo por meio dos impostos pagos para a manutenção daquele patrimônio (escola), portanto, ele também se sente dono daquele espaço, e em sua equivocada concepção de direito ele se apropria desse bem da maneira que melhor lhe convém, mesmo que seja com violência contra o mesmo. Entretanto, é claro que a maioria dos entrevistados é consciente do valor que tem a escola, e que assim como esse ambiente serviu para os mesmos no presente, servirá para outros no futuro.

Na subcategoria de preservar o ambiente físico, dois alunos incluíram os funcionários como responsáveis pelo zelo e cuidado da escola, não dando trabalho a eles. Somente um dos entrevistados sinalizou o cuidado com o material didático; o ideal seria que todos tivessem essa iniciativa, pois, não somente a escola, de um ponto de vista físico, servirá para outros, os livros também.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema proposto para esta pesquisa é pertinente por se tratar de um problema que atinge todas as esferas da sociedade, a violência, além de trazer para análise uma temática que se faz necessária por sua importância na formação humana e intelectual de todo indivíduo, a educação, sua realidade na escola pública enquanto ambiente propício e preservado para a construção do saber, a visão da mesma como patrimônio material e imaterial por parte do aluno, a relação do mesmo estabelecida com ela (a escola) como extensão de sua casa, e as implicações que essa relação traz.

Esta pesquisa permitiu o conhecimento de uma realidade próxima no que diz respeito à violência no âmbito educacional; é válido salientar, direcionado à conservação do patrimônio material e imaterial, além de ter permitido a constatação da carência na escola pública analisada quanto ao conhecimento que deveria ser mediado de forma construtiva, também a falta de atenção, do acolhimento à pessoa do aluno, muitas vezes não ocorrida, ou quando acontece é de forma precária.

Na fala dos entrevistados foram salientados diversos problemas, os quais nem sempre são observados pelos profissionais de educação que naquela escola atuam, ou num âmbito maior, por estudiosos que se limitam a pensar a educação somente como constructo do conhecimento.

Este estudo ressaltou uma realidade muitas vezes ocultada pela farda, pelos risos vagos, pelas conversas adolescente e jovem em sala de aula dos que ali estudam, pelas agressões ao patrimônio (a escola e ao conhecimento) realizadas por alguns desses adolescentes e jovens que lá se encontram e desse bem fazem uso.

O presente trabalho trouxe à tona relações interpessoais, violência ambiental, descompromisso profissional, descaso familiar no que diz respeito à participação da família na escola, uma equivocada identidade de pertença que se vê no direito de destruir o patrimônio que ele (o aluno) entende como seu, entre outras realidades apresentadas pelos entrevistados, as quais atravessam os muros da escola, distanciando-se do contexto educacional e ao mesmo tempo pertencente a ele, ou melhor, refletido nele, por exemplo, as drogas, a violência. Trouxe ainda, o anseio e a crença de muitos jovens em obter uma melhoria de vida por meio dos estudos, e a decepção em perceber que nem sempre essa oferta acontece, e quando acontece é de forma empobrecida.

Tornou-se este estudo uma grande fonte de reflexão e de atuação para o psicólogo, antropólogo, sociólogo e outros estudiosos que se interessam por questões sociais, ambientais e humanas.

Quanto às falhas, constata-se que a fonte de pesquisa, ou seja, a literatura investigada poderia contemplar a educação patrimonial e ambiental, principalmente na atualidade por se fazer presente na matriz curricular escolar, autores que discorressem sobre a pedagogia da afetividade como estudo de uma prática inovadora que certamente contribui para amenizar a violência na escola, neste caso, ao patrimônio material e imaterial, as relações interpessoais que nesse ambiente acontecem com análise fundamentada em teóricos da psicologia, por esta analisar o comportamento humano e entender suas causas, as quais poderiam embasar melhor a discussão a qual se propôs este trabalho, além do número de entrevistados ser restrito, o que limitou a possibilidade de maiores e diversificadas descobertas para maior campo de estudo.

Poderia ser uma pesquisa de cunho etnográfico, caso houvesse um maior tempo para tal fim, a qual permitiria uma maior e minuciosa compreensão daquela realidade escolar, portanto, maiores contribuições para as diversas áreas, principalmente as sociais e a psicologia, porque, ao realizar a entrevista na tentativa de atingir os objetivos propostos por este trabalho, comprovou-se que as expectativas esperadas para responder ao problema neste projeto apresentado foram comprovadas, contudo, a análise de dados trouxe outras questões, o que não limitou o foco da pesquisa ao que ela se propôs, mas, trouxe outras problemáticas que sugerem um estudo mais aprofundando desta pesquisa, um ampliar da temática.

## REFERÊNCIA

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n47/v1947a02.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2012

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BRANDÃO, Carlos R. In: SOUZA, Ana Inês (Org.)[et al.]. **Paulo Freire: vida e obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

DAYRELL, Juarez/Tarcisio. **A escola como espaço sócio-cultural**. Disponível em: <http://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espaco%20socio-cultural.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012



DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 1998.

FELIPPE, Máira Longhinotti; RAYMUNDO, Luana dos Santos; KUHLEN, Ariane. **Frequência autorreportada de vandalismo na escola:** questões de gênero, idade e escolaridade. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 2, pp. 243-250, abr./jun. 2012.

FONTOURA, H. A. **A licenciatura na faculdade de formação de professores na UERJ.** In DIAS, C. L. (Coord.) *Espaços e tempos de educação.* Rio de Janeiro: BRASA/ Núcleo de trabalhos e estudos em educação/ Edições Autorais, 2004.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.** 12 ed. São Paulo: PAZ e TERRA, 2007.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente.** Obras Completas. Vol. VIII. Petrópolis. Ed. Vozes. 2 Edição 1991 *Organização do Trabalho Pedagógico: pensadores da Educação,* Jacques Delors. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=337>. Acesso em: 06 nov. 2012

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). Henri Wallon. **Psicologia e Educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MIRANDA, Marília Gouvea de. **O processo de socialização na escola:** a evolução da criança. In: LANE, S. & COOD, W. Corgs.. *Introdução a psicologia social: o homem em movimento.* Ed. Vozes, 2008, p.125-135.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004

MOSER, Gabriel. **Psicologia Ambiental.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci_arttext). Acesso em: 04 nov. 2012

RODRIGUES, Zuleide Blanco. **Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica.** Disponível em: [http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao\\_artigo.asp?artigo=artigo0056](http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056). Acesso em: 02 nov. 2012

SCHNORR, Giselle Moura. *Pedagogia do Oprimido.* In: SOUZA, Ana Inês (Org.) [et al.]. **Paulo Freire: vida e obra.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Hermínia Helena; CASTRO, Leonardo Villella de. **Formação docente e violência na escola.** *Psicol. educ.* n.26 São Paulo, jun. 2008

SILVIA, Aída Maria Monteiro. **A violência na escola:** a percepção dos alunos e professores. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p253-267\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf). Acesso em: 04 nov. 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afecheto; 7ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZALUAR, A. **Integração perversa:** pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004 Capítulo 4.